

Ásia

O Terrorismo e o Petróleo

Quase ao mesmo tempo que os aviões atingiram o World Trade Center os preços do petróleo começaram a cair. A explicação do fenómeno não está, contudo e essencialmente, no terrorismo; mas sim, na ameaça de recessão global, no regresso ao mercado petrolífero de produtores não-membros da OPEC e nos esforços americanos para reduzir a sua dependência da produção de crude em regiões conturbadas.

A destruição do World Trade Center e o ataque contra o Pentágono tiveram um enorme simbolismo, mas não se tornou imediatamente evidente que, no dia 11 de Setembro de 2001, tinha ocorrido um genuíno ponto de viragem na situação mundial. Passados três meses tudo começa a tornar-se mais claro, a maioria dos observadores concorda que a actual cena internacional é muito diferente e que essas diferenças estão para ficar.

As atitudes das opiniões públicas em relação à violência assimétrica mudaram, tanto no mundo desenvolvido como nos países em vias de desenvolvimento, mas os antagonismos entre o Ocidente e os "Outros" estão, provavelmente, mais acentuados do que antes. Isto aplica-se, sem dúvida, ao Mediterrâneo, ao Golfo, ao Levante e à Ásia Central - a área que hoje é o novo "Médio Oriente". As raivas e as ansiedades provocadas pela situação israelo-palestina, os receios pelo futuro do Iraque e a nova situação geopolítica na Ásia Central e no Afeganistão são provas suficientes daquilo que mudou.

A eterna problemática do petróleo

Há, no entanto, grandes linhas de continuidade que se misturam com estas mudanças, apesar de também elas poderem vir a ser afectadas pelo que aconteceu. Uma das mais importantes é o preço do petróleo a nível global, determinado por factores que não conheceram grandes alterações no último ano. Os recentes acontecimentos no Afeganistão serviram mesmo para acentuar uma tendência para a descida dos preços, apesar de a incerteza tornar supostamente mais caros os bens de consumo.

Isto não é uma mera especulação intelectual, dado que uma das consequências dos acontecimentos de há três meses foi a de aproximar a economia americana ainda mais da recessão e, juntamente com ela, as economias da Europa e do Extremo Oriente. Ainda não é claro quanto tempo é que esta recessão - se, de facto, ela se revelar como tal - vai

durar, mas é claro que um factor importante para determinar a sua duração vai ser o preço do crude.

Desde há um ano ou mais que se está a "cozinhar" uma crise em torno dos preços do petróleo e, mais concretamente, desde que, em Março de 1999, a Opec iniciou a sua política de diminuição da produção e fixação de preços. Nessa altura, os Estados da Opec concordaram em reduzir a produção de modo a forçar a subida dos preços, que tinham estado excepcionalmente baixos no ano anterior - o que provocou a estupefacção geral, porque nunca antes este grupo de países tinha revelado disciplina suficiente para conseguir este tipo de consenso. Os membros da Opec decidiram também manter os preços entre os 28 e os 22 dólares por barril de crude, com aumentos ou reduções automáticos na produção se os preços subissem ou descessem em relação a estes níveis. O que foi ainda mais surpreendente foi terem conseguido manter um mercado suficiente e uma disciplina de quotas até meados de 2001 de forma a que os preços permanecessem ao nível que tinham estipulado.

O sucesso desta política não se ficou, contudo, a dever exclusivamente à Opec, onde o acordo entre a Arábia Saudita, o Irão e a Venezuela foi essencial para o resultado obtido. Dependeu também da colaboração passiva e forçada de Estados não-membros, porque muitos deles - normalmente produtores a alto custo - já tinham cancelado as suas produções durante o anterior período de preços baixos e não podiam simplesmente voltar a "abrir a torneira". Ou seja, o mercado internacional do petróleo era um mercado para vendedores, onde os produtores podiam facilmente estabelecer os seus preços.

O melhor exemplo disso foi o papel desempenhado pelo Iraque que, embora sendo membro da Opec, manteve-se fora da organização na última década devido às sanções da ONU. Mas, desde 1996, e como resultado do programa petróleo-por-alimentos, o Iraque foi autorizado a vender anualmente crude até ao valor de 10,5 mil milhões de dólares. A resolução do Conselho de Segurança da ONU que prevê isso tem o efeito perverso e bizarro de permitir ao Iraque vender mais petróleo quando os preços caem - logo, enfraquecendo o mercado - e menos quando os preços sobem - logo, enfraquecendo-o de novo!

Esta fórmula, que causou veementes protestos por parte das grandes empresas petrolíferas quando foi proposta em 1995, foi o resultado de intensas movimentações diplomáticas, nas quais a Grã-Bretanha desempenhou um papel preponderante. Deveria ter afectado

seriamente as tentativas da Opec para manter os preços mas, na realidade, isso não aconteceu - o que revelou o quão controlados se tinham tornado os mercados do petróleo.

Ironicamente, os EUA tinham desempenhado um importante papel neste fenómeno no ano 2000, quando a Administração Clinton entrou em pânico por causa dos preços de Inverno do combustível doméstico e insistiu para que a Opec aumentasse a produção. Os membros desta organização mostraram-se muito relutantes em aceder a este pedido, porque perceberam que o verdadeiro problema era interno aos EUA, onde a capacidade de refinar petróleo tinha sido insuficiente para responder à procura de combustível para aquecimento, e não se devia a uma quebra no fornecimento mundial. Mas mesmo esta crise não chegou para enfraquecer os preços de forma significativa, e estes mantiveram-se estáveis durante grande parte de 2001, levando os analistas a interrogarem-se sobre se a relação preço-produção tinha sido finalmente resolvida pela Opec, garantindo assim a estabilidade dos preços.

A lição inexorável

Alguns meses mais tarde, a situação apresenta-se bastante diferente - como esses mesmos analistas deveriam ter desconfiado, já que os cartéis nunca levaram a melhor sobre as realidades dos mercados. Quase ao mesmo tempo que os aviões atingiram o World Trade Center, os preços do petróleo começaram a cair, apesar de um fortalecimento instantâneo mas de pouca duração. As razões têm a ver, claro, com os motivos exactamente opostos aos que tinham levado os preços a subir anteriormente. Nessa altura, a economia americana estava em crescimento; agora está a caminho da recessão, num processo que já se tinha iniciado antes de 11 de Setembro. As necessidades de petróleo dos EUA estão a diminuir e, mais importante ainda, os estrategas da economia querem conseguir preços de petróleo mais baixos e, simultaneamente, diminuir a dependência de produtores em regiões conturbadas do mundo - e, em primeiro lugar, do Médio Oriente. Os planos da Administração Bush para a exploração dos recursos petrolíferos nacionais (apesar de uma onda de protestos dos meios ecologistas e ambientais) também vieram perturbar os produtores, que se tinham preparado para a continuação da prosperidade e da procura por parte da América.

Além disso, os produtores que não pertencem à Opec recuperaram da queda de há uns anos atrás, quando os preços estavam muito baixos. Depois de terem lançado novos recursos no mercado, podem agora contrariar qualquer tentativa da Opec para reduzir a

produção. Os consumidores sabem disso, pelo que o mercado já não reage automaticamente aos avisos e ameaças de cortes da Opec. Ainda mais significativo é o facto de a Rússia - o maior exportador do mundo fora da Opec, que tinha sofrido sérias quedas na produção no início dos anos 90 quando o colapso da sua economia atingiu a principal indústria de exportação do país - ter regressado subitamente aos mercados, com novos investimentos a fazerem aumentar de forma impressionante a produtividade dos seus campos de petróleo. E, claro, a recessão iminente significou menor procura mundial.

Não surpreende, portanto, que nos últimos três meses tenhamos assistido à continuada quebra nos preços do petróleo e aos crescentes receios, por parte da Opec, de um colapso nesses preços, a par das mudanças na cena política internacional, marcadas pelo ataque ao Afeganistão e pelo aumento das ansiedades globais em relação ao terrorismo. É de sublinhar, no entanto, que os dois fenómenos não estão relacionados, limitam-se a ocorrer em paralelo, apesar de ambos partilharem os receios de um declínio económico.

A Opec compreendeu finalmente que eles não estão relacionados e tentou desesperadamente convencer os produtores que não fazem parte da organização a apoiar os seus esforços para manter os preços estáveis. Assim, em Novembro, os Estados da Opec avisaram que não iriam diminuir a produção para manter os preços, a menos que os Estados não-Opec o fizessem também. Não vêem porque é que os produtores não-Opec deverão beneficiar da estabilidade dos preços conseguida por eles através de cortes na produção e nos rendimentos.

Embora a Noruega e o México, tal como no passado, tenham manifestado a sua disposição para ajudar, o grande trunfo da colaboração da Rússia parece ter escapado à Opec, fazendo aumentar o receio de um colapso generalizado dos preços do petróleo. Por fim, no início de Dezembro - num momento em que se começavam a ouvir prognósticos sombrios de um regresso aos preços de um apenas um dígito por barril, a Rússia, de uma forma que lhe é pouco característica, respondeu ao apelo da Opec. Ultrapassando a sua recusa inicial, propôs um corte significativo de 500 mil barris/dia em exportações (não na produção), provocando uma enorme sensação de alívio por todo o Médio Oriente. Mas esta foi provavelmente prematura, porque afinal a Rússia não ofereceu nada! Os seus níveis de exportação caem sempre no Inverno e os excessos de produção podem facilmente ser absorvidos a nível interno. Portanto, a Rússia não ofereceu nada e, embora possa ter travado um colapso dos preços até à Primavera, no próximo ano veremos novamente aparecer o inexorável declínio.

Realidades geopolíticas

Surgiram também, entretanto, outras realidades que vão eventualmente afectar os preços do petróleo - e estas estão relacionadas com os recentes acontecimentos. Há alguns anos, quando os EUA não tinham uma opinião tão negativa dos taliban, surgiu a ideia de construir um pipeline da Ásia Central, atravessando o Afeganistão, até ao Paquistão e à Índia. O objectivo era permitir a exportação de petróleo da Ásia Central, sobretudo do Cazaquistão e Tajiquistão, sem passar pelo Irão - então o maior fantasma para a América, que levou a Administração Clinton a estabelecer vários planos de vias alternativas de exportação de petróleo, sempre com a preocupação de evitar o Irão.

A proposta do pipeline da Unicol, como era conhecida, fracassou na sequência dos bombardeamentos das embaixadas americanas no Quénia e na Tanzânia, em 1998, mas a ideia continuou a ser atraente para os estrategas norte-americanos, em parte porque o Irão avançou com os seus próprios planos para vias de acesso ao petróleo e gás da Ásia Central atravessando o seu próprio território. Uma das consequências da recente guerra no Afeganistão e do acordo que vier a ser encontrado para este país será o reaparecimento destas propostas, mais uma vez, para grande alívio da Administração Bush, que parece querer preservar o Irão como "Estado pária", seja o que for que faça ou diga o Governo iraniano.

A situação é, na realidade, ainda pior para o Irão. Terá que aceitar o facto de que os EUA conseguiram acesso à Ásia Central de forma significativa: já há bases americanas no Uzbequistão e no Tajiquistão e é difícil imaginar que estas irão simplesmente desaparecer quando os combates terminarem e Osama bin Laden tiver desaparecido numa sepultura não identificada. O Irão está cercado pelo único Estado a que sempre resistiu no Médio Oriente e as suas esperanças de se tornar a potência dominante da região, controlando os acontecimentos no Golfo e na Ásia Central, foram reduzidas de forma dramática.

É claro que Washington não planeou isto - a Administração Bush pode ser dura mas não revelou uma postura maquiavélica na sua política externa antes de 11 de Setembro, quando a sua principal preocupação parecia ser a de evitar alianças com outros Estados, seguindo os sensatos conselhos de George Washington há mais de 200 anos. Mas esta consequência terá sido recebida, embora discretamente, com grande alegria pela Administração Bush, já que lhe permite realizar muito mais facilmente os seus planos futuros contra o Iraque.

Nós podemos temer o significado da próxima vaga de ataques, mas não há grandes sinais de hesitação por parte de Washington. Vai certamente aliviar a pressão de subida dos preços do petróleo, dado que quando o crude da Ásia Central começar a circular a dependência americana do Médio Oriente diminuirá e a produção dos Estados não-membros da Opec será fortalecida. Assim, de uma assentada, a América destrói os seus inimigos e garante os seus abastecimentos de energia - bem, não exactamente!

A Rússia também tem ambições em relação aos seus "vizinhos próximos" do Sul e é muito improvável que ceda terreno aos EUA, mesmo tendo-lhe sido concedido o estado de "membro associado" da NATO e um lugar no G8, já para não falar no rancho texano do Presidente Bush. Moscovo vai, sem dúvida, fazer tudo o que for possível para minimizar o papel estratégico da América num futuro Afeganistão - tal como irá fazer o humilhado Paquistão desde que não seja desmascarado. Quem é que alguma vez acreditou no "fim da história"?